

Ajudando secretamente os prisioneiros de guerra dos quais era carcereiro, este monge alemão se tornou um heróico aliado da Resistência francesa

O bom franciscano de Bourges

NICOLAS POULAIN

FOI DURANTE OS anos sombrios da ocupação nazista, em 1942, que as portas de aço da prisão de Bourges, a sinistra Bordiot, se fecharam atrás de mim, e foi também nessa prisão que conheci o mais corajoso e caridoso dos homens, um autêntico cristão cujo coração de ouro o levou a salvar da morte dezenas de patriotas franceses.

Numa missão a serviço da Resistência, eu tentara cruzar a linha demarcatória perto de Sancoins, em Cher, sem um passe. Traído pelo guia, fui capturado, torturado e conduzido para Bordiot, onde me puseram numa cela de dois metros por três com outros dois prisioneiros. Depois de dois dias sem comer nem beber nada, pedi um pouco de sopa ao guarda alemão.

«*Zu spät! Morgen!*», gritou o carcereiro. «É tarde! Amanhã!» — e bateu a porta da cela violentamente.

Quinze minutos depois, entrou outro guarda. Este também estava vestido com uniforme de Wehrmacht. Era um homem gordinho, com pouco mais de 40 anos e um ar tranquilo e jovial. Com um sorriso, ofereceu-me uma tigela de sopa, recém-preparada, na qual se via um belo pedaço de carne. Seus grandes olhos azuis contemplaram meu rosto emaciado.

«Você deve estar com fome. Apanhou muito», disse, num francês atrapalhado. «Alfred traz sopa, depois remédio.»

Foi este o meu primeiro encontro com o homem a que todos os prisioneiros de Bordiot se referiam familiarmente como Alfred. Só depois da Libertação descobri que a identidade secreta desse soldado da Wehrmacht era a de um monge franciscano — e que esse clérigo, alemão de nacionalidade, era um dos mais heróicos aliados da Resistência fran-

cesa. Centenas de ex-prisioneiros de Bordiot já lhe pagaram tributo. Em 1965, um deles, Marc Toledano, tentou pagar sua dívida para com ele escrevendo um livro, *O Franciscano de Bourges*, que vendeu mais de 300 mil exemplares e foi logo depois adaptado a um filme.

O Irmão Alfred nasceu em 1903 em Danzig, a cidade contestada, dividida entre eslavos católicos e prussianos protestantes. A fim de arranjar emprego na ferrovia da região, o pai dele, eslavo e católico, tivera que germanizar seu nome, de Stanicewski para Stanke. Aos 13 anos, o jovem Stanke já havia se decidido: entraria para uma ordem franciscana e se sujeitaria ao tríplice voto de pobreza, castidade e obediência. Ao fazer 20 anos, os superiores mandaram-no para o Vaticano, a fim de desempenhar uma função bastante humilde: cozinhar para o Papa Pio XI. Quando voltou à Alemanha, tornou-se enfermeiro num hospital de Colônia dirigido pelos Pobrezinhos de Assis.

Quando Hitler tomou o poder, Irmão Alfred percebeu o que era o nazismo. Em março de 1936, os homens da S. S. invadiram seu mosteiro. Juntamente com outros monges, foi preso e passou 10 dias numa prisão de Coblentz, ao lado de vagabundos e ladrões.

No começo da guerra, Alfred foi recrutado pela Wehrmacht, mas como as regras de sua ordem proibem que monges usem armas, o antigo prisioneiro de Coblentz tornou-se carcereiro. Em 1942, foi designado para Bourges, como guarda da pri-

ção de Bordiot, onde ficavam os franceses — cujo número crescia diariamente, pois aquela cidade medieval era um dos centros mais ativos da Resistência.

Mas o guarda severo e fardado logo desapareceu por trás da imagem do bom monge que gostava de citar uma frase de São João: «Se um homem não ama seu semelhante mas afirma que ama a Deus, esse homem está mentando.»

Os testemunhos dos prisioneiros são unânimes: Alfred devotava todas as suas forças ao conforto dos prisioneiros e toda a sua prática de enfermeiro à recuperação deles. Para iludir os torturadores nazistas, que proibiam aos guardas da prisão prestar qualquer assistência médica aos membros da Resistência, o bom franciscano tinha de trabalhar em segredo. Sempre que podia, oferecia-se para render os soldados no turno da noite. Sozinho na prisão, com alguns guardas franceses que eram simpáticos à causa, ele podia tratar dos doentes, mas, para não levantar suspeitas sobre um possível excesso de zelo, exigia pagamento quando tomava o lugar de outra pessoa. O dinheiro que conseguia dessa forma era usado para comprar coisas de que os prisioneiros necessitassem.

No início de 1943, Edmé Boiché, um membro da Resistência que havia sido particularmente maltratado pela polícia nazista, chegou a Bordiot. Durante uma semana, Alfred aplicou unguentos e lenitivos às pernas e braços do homem, terrivelmente lacerados pelos bastões de seus capto-

res, e aplicou-lhe injeções para estimular seu coração. Boiché recuperou as forças e os interrogatórios seguintes da Gestapo não conseguiram dobrá-lo.

A princípio, Alfred teve dificuldade em vencer a natural suspeita dos prisioneiros franceses; julgavam-no um alcagüete. Então, certo dia, ele teve oportunidade de demonstrar sua boa-fé. Foi quando tentou ajudar o padre Jean Barut, pároco de Persan, no Vale d'Oise, o qual, como eu, havia sido preso por tentar cruzar a linha demarcatória.

«Mim também servo de Deus», disse Alfred. «Mim franciscano.»

Desconfiando dele, o padre tentou pegá-lo em falso:

«Se é franciscano, recite o *Confiteor*», pediu-lhe.

O padre Barut sabia que os franciscanos tinham acrescentado alguns dizeres à prece. Alfred imediatamente a recitou, sem errar uma palavra, e um voto de confiança foi selado entre os prisioneiros e seu carcereiro. O padre Barut, de nacionalidade suíça, ou seja, de um país neutro, deveu sua liberdade a Alfred, pois foi este quem alertou a embaixada da Suíça sobre a sua prisão.

Toda vez que um de seus amados prisioneiros era levado de noite para ser executado, Alfred, de coração apertado, tinha de esconder seus sentimentos. Chegou o dia, no entanto, em que ele não foi mais capaz disso. Os carrascos vieram procurar Serge, um menino de 16 anos que seria fuzilado por ter passado alguns dias na clandestinidade. Enquanto

marchava corajosamente para a morte, ele sussurrou a Alfred:

«Prometa-me que porá uma coroa sobre meu túmulo.»

Alfred cumpriu a promessa, mas foi surpreendido por um capitão alemão ao lado do túmulo.

«Que diabo está fazendo?», gritou o oficial. «Mesmo sendo monge, um soldado do Führer não pode prestar homenagens a terroristas.»

Alfred, porém, encontrou a resposta exata. «Venho aqui todos os dias», disse, «e rezo por todos os mortos, inclusive pelos pilotos alemães enterrados neste cemitério.»

Não demorou muito para que Alfred concluísse que cuidados médicos e palavras de alívio não eram suficientes. Correndo enormes riscos, decidiu ajudar diretamente a Resistência. Com outros dois patriotas franceses — Georges Ruetsch, intérprete dos alemães na prefeitura, e Félix Desgeorges, um mercador de vinhos de Bourges — ele armou uma autêntica rede. Os três homens mantinham os prisioneiros informados de novas prisões, transmitiam suas mensagens e preparavam álibis que eles pudessem impingir aos interrogadores da Gestapo.

Em outubro de 1943, o bom franciscano foi designado para transportar um prisioneiro ferido ao hospital de Tours num táxi. O homem era François Magnol, um dos líderes do movimento de Libertação. Certificando-se de que o motorista do táxi demonstrava simpatia pelo prisioneiro, Irmão Alfred ordenou-lhe que parasse o carro num campo, per-

to de uma casa, e mandou-o avisar Madame Magnol que destruísse tudo que pudesse incriminar seu marido. Alfred ofereceu-se ainda para ajudar a dar fuga ao prisioneiro, mas este se recusou, com medo de represálias contra sua família.

Quando Magnol foi levado de volta a Bordiot, Alfred imaginou um plano inacreditavelmente ousado. Disfarçando Madame Magnol como carroceira, conseguiu introduzi-la secretamente na prisão, onde ela encontrou seu marido estupefato. Passou-lhe informações essenciais para sua defesa, e pouco depois ele foi libertado.

No fim de 1943, o franciscano tinha se tornado perito em organizar visitas clandestinas. O visitante mais freqüente era o intérprete Ruetsch, cuja ajuda aos prisioneiros era inestimável, porque ele conhecia as acusações que lhes estavam sendo feitas. A visita mais inesperada foi a do padre Barut, que fora libertado oito meses antes. O monge foi encontrá-lo na sua paróquia de Persan, a mais de 250 quilômetros. Por volta da meia-noite e meia, quando os dois homens se dirigiam para Bordiot, surgiu uma patrulha alemã, ameaçando pôr tudo a perder. Alfred demonstrou impressionante capacidade de representar. Fazendo-se passar por um oficial da s. s., começou a berrar ordens e até puxou da pistola para fazer a cena parecer mais real. A patrulha retirou-se imediatamente.

Dentro da prisão, o monge escondeu o padre Barut num armário da enfermaria, e conseguiu que ele

falasse com Yves Toledano, um dos prisioneiros mais vigiados de Bordiot. Como o irmão Marc, Yves era acusado de espionagem. Os conselhos do padre ajudaram-no a enfrentar um novo interrogatório com força redobrada. Mais tarde, Marc foi absolvido, e Yves salvo pela Libertação.

Quando os Aliados desembarcaram na Normandia, um membro da Resistência francesa sugeriu que Alfred desertasse e se juntasse ao movimento. Alfred se recusou: «Não», respondeu, «detesto os nazistas, mas sou alemão, e agora quero ser julgado como todos que usaram este uniforme.»

Preso em setembro de 1944, perto de Langres, ele foi entregue ao exército norte-americano e então mandado para os Estados Unidos, inicialmente para Florence, Arizona, e depois para Camp Farragut, Idaho. Lá, também se devotou de corpo e alma, mas desta vez aos seus camaradas alemães.

No entanto, seus amigos em Bourges não o esqueceram. Félix Desgeorges escreveu ao prefeito de Cher, testemunhando sobre a incrível coragem de Alfred em ajudar os membros franceses da Resistência. Então, apoiado pelo prefeito, conseguiu que o Comitê de Libertação de Cher escrevesse às autoridades americanas requerendo sua «libertação imediata». A 18 de junho de 1946, o homem que todo mundo apelidara de «o franciscano de Bourges» era solto e voltava à tranquilidade do hospital de Colônia.

Em junho de 1947, um oficial francês bateu à porta do mosteiro. Era

Georges Ruetsch, o ex-intérprete, ex-Resistente, agora tenente do Exército de Ocupação na Alemanha. Os dois se abraçaram comovidos. Ruetsch fora ali para levar Alfred a Bourges, onde uma surpresa o esperava.

Reunidos diante da câmara municipal, 200 antigos prisioneiros de Bordiot e suas famílias se juntaram para saudar seu benfeitor. Alfred apareceu, usando o hábito marrom, o cinto de corda e as sandálias de sua ordem. O prefeito departamental, Maxime Roux, e o prefeito de Bourges, Charles Cochet, louvaram os méritos de Irmão Alfred.

«Não mereço tanto», disse Alfred a seus amigos. «Apenas cumpri meu dever de homem e cristão; só tentei ser digno do hábito que vestia.»

Irmão Alfred sempre recusou a fama e a glória que passaram a persegui-lo. Vive hoje num mosteiro. Um pássaro é sua única companhia seu lar é um pequeno quartinho. Quando me abriu a porta, no inverno passado, vi outra vez o sorriso benevolente com o qual iluminara minha cela na prisão havia precisamente 32 anos.

«Enquanto espero para entregar a alma a Deus», disse, «minha maior alegria é saber que meu país e o seu são agora bons amigos.»

Se a França e a Alemanha se reconciliaram, foi por causa de alguns homens exemplares, e nenhum entre estes fez mais para curar as feridas de guerra do que o inesquecível Irmão Alfred, o bom franciscano de Bourges.



SENTADO ao balcão de um pacato *pub* escocês, muito após a hora de fechar, comentei com um homem, que devia ser freguês assíduo, sobre a tranquilidade com que o dono do *pub* desrespeitava a proibição de vender bebidas depois de certa hora.

«Ora, não há problema», disse o homem. «O único policial da região mora do outro lado do lago – e eu sou o único barqueiro.» – H. M. D.

DURANTE a visita da Rainha Elizabeth ao Canadá, em 1973, uma das comemorações seria um grande baile de gala, no qual vários membros do Parlamento seriam apresentados a Sua Majestade. Alguns amigos de meu primo, entre os quais um economista do governo e sua esposa, também foram convidados. Esta vibrou, porque finalmente teria pretexto para comprar um vestido novo.

Quando encontrou o casal, pouco antes do grande acontecimento, meu primo perguntou à mulher se havia comprado o tal vestido novo. «Não foi preciso», respondeu o marido, «a rainha nunca a viu com o antigo.» – L. K.